



DIÁRIO ACADÊMICO

Experiências transversais: formação, pesquisa e docência vistas de dentro

Lara Santos Rocha¹

Resumo

Vivências da graduação, da militância pela educação de qualidade, da pós-graduação e da sala de aula.

"Meu caminho pelo mundo
Eu mesmo traço
A Bahia já me deu
Régua e compasso
Quem sabe de mim sou eu
Aquele abraço!"
Gilberto Gil

Sair de Salvador sozinha, aos 18 anos, e entrar na Universidade de São Paulo me possibilitou múltiplas aprendizagens e um processo de dupla politização: ao mesmo tempo em que vivenciava os debates promovidos pelo Movimento Estudantil, vivia um processo de autorreconhecimento, ao me perceber por diversas vezes sendo a única estudante não-branca nas salas, ao me sentir deslegitimada pelo meu sotaque, e - ainda que em uma das faculdades mais

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com a pesquisa "Denegrir-se: Uma interseção entre Literatura Afro-Brasileira, Educação e Identidade"

assumidamente LGBT da USP - ao me sentir insegura de andar de mãos dadas com a minha namorada.

A aproximação com o Movimento Estudantil e a vontade de compor um movimento social me trouxeram ao Cursinho Popular Florestan Fernandes (CPFF), na época, um dos cursinhos pré-universitários que compunham a *Rede* Emancipa. Ser professora não era exatamente um sonho de infância e, mesmo cursando Letras, não era a carreira que eu imaginei que seguiria. Foi em 2012 que, pela primeira vez, ocupei o lado de cá da sala e, depois de uma aula sobre Vidas Secas, percebi - por mais clichê que soe - que queria ser professora.

O Cursinho Popular Florestan Fernandes, então sediado na Escola Estadual Emygdio de Barros, zona oeste da capital paulista, constituiu-se um dos espaços em que pude ampliar meu olhar sobre o fazer político e compreender, na prática, questões anteriormente evocadas apenas na teoria. O *Florestan* é um espaço desafiador e potente, em que existem poucas restrições quanto à metodologia, mas algumas barreiras de tempo e espaço, já que funcionamos apenas aos sábados, em espaços emprestados - como escolas ou universidades públicas - e com um objetivo final: contribuir para a aprendizagem das/dos estudantes de escolas públicas para que ingressem nas universidades.

Em 2014, logo depois de sermos expulsos da escola em que trabalhávamos, assumi, junto com os três professores que restaram na virada do ano, a coordenação do cursinho, na tentativa de manter o projeto vivo. Por falta de outro espaço que nos abrigasse, fomos para o prédio de História e Geografia da USP, onde seguimos atuando. Na época, contávamos com cerca de 200 estudantes, alocados em quatro salas.

Com o tempo, nossa prática foi se aprimorando e tornamo-nos não só um cursinho pré-universitário, mas um espaço de resistência e acolhimento para educadores e estudantes. Em 2019, começamos o ano com cerca de 1200 estudantes inscritos.



Formação de professores dos Cursinhos Populares Florestan Fernandes, Carolina de Jesus e Edson Luís, 24 de fevereiro de 2018.



Excursão ao Memorial da Resistência, 12 de Outubro de 2018.

Iniciar minha carreira ali foi fundamental para minha formação docente, não só por estimular minha criatividade e endossar o diálogo com as/os estudantes, mas também para minha formação humana e política. Compreender a educação como algo que vai além da sala de aula, que não depende só de um dos lados e é muito mais troca do que transmissão de conhecimento é a base da educação popular e é o que hoje constitui minhas crenças e práticas como professora.

Em 2013, cursei as disciplinas *Diversidade Cultural e Educação: as Literaturas de Língua Portuguesa em Perspectiva e Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa*, ampliando meu olhar sobre o ensino de Literatura e tornando indissociável minha concepção de sala de aula e a educação para as relações étnico-raciais. Reconhecer e refletir sobre a ausência da população negra nos currículos provocou frustrações, ao mesmo tempo em que estimulou a percepção dos privilégios de ter estudado em uma escola particular de Salvador em que - respondendo às demandas do vestibular da Universidade Federal da Bahia - obras como *Cadernos Negros* eram leitura obrigatória no Ensino Médio.

Depois de algum tempo buscando definir o que estudar e criando coragem para pôr em prática, procurei minha (na época, possível) orientadora, a professora Vima, docente da disciplina supracitada, e contei-lhe sobre os temas que me interessavam e as leituras que estava realizando. Já era o meu último ano de graduação e a única pesquisa² que eu havia realizado estava bem distante da minha atual área de interesse. Ela então me sugeriu que, a fim de sistematizar os estudos que eu já estava realizando e me preparar para o mestrado, realizasse uma Iniciação Científica na área.

Educação, identidade e negritude: construindo uma reflexão foi uma pesquisa que visou à construção de um repertório teórico sobre identidade e negritude a partir da leitura crítica de obras que focalizam questões como literatura e educação enquanto formadoras do sujeito e, especialmente, do sujeito negro. O trabalho consistiu na leitura sistemática e na elaboração de resenhas de nove obras teóricas: *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, de Michéle Petit; *Cultura Negra e Educação*, de Nilma Lino Gomes; *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*, de bell hooks; *Literatura Negro-Brasileira*, de Luiz Silva Cuti; *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis; *Pedagogia, autonomia e mocambagem*, de Allan da Rosa; *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon; *Terça Afro – Território de Afetos*,

² ROCHA, L. *Crenças de professores sobre ensino e aprendizagem de Português Língua Estrangeira*, 2013.

organizada por Ana Caroline Silva e Whellder Guelewar, e *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza.

A possibilidade de ler, analiticamente, estas obras foi extremamente proveitosa. Compreender tais temáticas, a partir de diversos olhares, em diversos formatos, e pensá-las interseccionalmente contribuiu para um entendimento muito mais aprofundado e crítico das relações étnico-raciais no Brasil.

Em 2017, decidi participar do processo seletivo para o mestrado no departamento de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. A ideia de entrar no mestrado não era óbvia para mim ao longo da graduação. Não tinha - e ainda não tenho - certeza sobre a minha vocação (ou disposição?) para a carreira acadêmica, principalmente por gostar da prática, muito mais do que da teoria. Os anos no CFFF estimularam minha vontade de estar em sala de aula, de ouvir estudantes, de criar redes. Não conseguia me enxergar mais três anos somente ouvindo e digitando.

Encontrar uma orientadora que compreendesse que o meu projeto não abriria mão da sala de aula e que, mesmo alocado na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, não se debruçaria a comparar obras literárias, foi fundamental para que eu encarasse esse desafio com mais tranquilidade e descobrisse que existem espaços na academia que tratam a escola com seriedade. Durante o processo seletivo, trabalhava no *CENPEC* - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - como estagiária do núcleo de Tecnologia e Educação e estava prestes a assumir outros projetos por lá. Parecia um bom momento para ingressar no mestrado, já que tinha uma carga horária flexível, um volume de trabalho adequado e colegas de trabalho compreensivas. Mas, como as coisas não são do jeito que imaginamos, recebi uma carta da Secretaria Municipal de Ensino, convocando-me a assumir a vaga de professora de Língua Portuguesa, para a qual havia aplicado, em 2016. O processo entre o recebimento da carta e o dia da posse levou cerca de cinco meses. Nesse meio tempo, concluí o bacharelado e a licenciatura, e fui aprovada no mestrado.

Em abril de 2018, tornei-me oficialmente professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, e fiquei responsável por três turmas de 9º ano e uma de 8º. Até então, minha experiência como professora havia sido com cursinhos pré-universitários e curso técnico: espaços para os quais estudantes de faixa etária mais elevada iam por vontade própria. Ao chegar à escola, localizada no Capão Redondo, uma das maiores periferias da cidade, me deparei com novos desafios: uma estrutura precária, uma gestão autoritária e distante, e estudantes desmotivadas/os. Além disso, a distância da minha casa até o local era um fator extremamente desgastante.



SLAM Euclides, outubro de 2018.

Com o passar do tempo, fui descobrindo as brechas do sistema e estruturando, em parceria com outras professoras e - principalmente - com estudantes, dinâmicas de aula que fossem além da cópia. Realizamos o primeiro SLAM da EMEF Euclides da Cunha, em que alunas e alunos escreveram e apresentaram seus poemas diante da escola toda, com a participação de um jurado que elegeu a melhor poeta. Perceber a empolgação das turmas em criar seus

textos, podendo tratar das pautas que lhes tocam, sair da sala, enfeitar a escola, torcer pelas/os colegas foi um respiro em meio aos dias caóticos e exaustivos.



Kailany Colen e Petrick Almeida, estudantes do 9º ano, vencedores do SLAM Euclides 2018

Em março de 2018, enquanto integrante do grupo Travessia, demos início a um projeto de remição de pena por meio da leitura na Penitenciária Feminina da Capital (PFC). O convite para a realização do trabalho partiu da própria PFC, que buscava uma parceria técnica com universidades de São Paulo. A proposta, destinada a docentes dessas instituições, foi aceita pela professora Vima, que se tornou coordenadora do projeto. O processo teve início por volta de maio de 2017, cerca de nove meses antes de nossa entrada. Temos trabalhado em três etapas: a leitura individual das obras, roda de conversa sobre os textos e a escrita de resenhas. A remição de pena por meio da leitura reduz quatro dias da pena do total, a cada livro resenhado, tendo o limite de um livro por mês. Devido às demandas do mestrado e à sobrecarga no trabalho, optei, por, infelizmente, me afastar desse projeto em 2019. Acabei me afastando temporariamente do cursinho também, o que é sempre muito doloroso pra mim.



Simultaneamente, buscava cursar as disciplinas obrigatórias e dar início à pesquisa que havia me proposto a realizar. Considerando a importância de compreender e valorizar experiências concretas de implementação da lei 10.639, a pesquisa visa, a partir da experiência de mediação de leitura da obra *Leite do Peito*, de Geni Guimarães, junto a uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Zona Norte de São Paulo, reconstituir momentos da experiência de leitura compartilhada da obra, apreender os olhares dos estudantes sobre a narrativa, interpretar a maneira como a trama os afeta, compreender as aproximações e distanciamentos entre a narrativa e o modo como as relações raciais são evocadas em seus discursos. O trabalho de mediação de leitura foi desenvolvido com o 7º ano da Educação de Jovens e Adultos, junto às professoras Talita Zanatta, de Língua Portuguesa, e Flávia Silveira, da Sala de Leitura. As atividades aconteceram entre setembro e dezembro, ao longo de oito encontros às segundas-feiras, das 19h às 21h30, combinados às propostas desenvolvidas em outros dias da semana nas aulas de Língua Portuguesa. Percorrer os trajetos entre a escola (zona sul), casa (zona oeste) e campo (zona norte) foi extremamente desgastante e me fez, em vários momentos, repensar meus planos.

Uma das primeiras ações realizadas foi a apresentação da proposta para a professora Talita, que ocorreu em julho de 2018. Como as aulas teriam início na última semana desse mês e apenas em agosto a turma passa a frequentá-las em maior número, a professora solicitou que começasse as atividades apenas na última semana do mês oito, assim já teria estabelecido um vínculo com a nova turma - uma vez que nas EMEFs as turmas de EJA são semestrais - e teríamos tempo de resolver questões burocráticas com a escola, assim como apresentar a proposta à professora Flávia, da Sala de Leitura.

Ao longo de agosto, a professora Talita iniciou junto à turma o trabalho de produção do livro de memórias de cada estudante, proposta essa que dialogava totalmente com a obra escolhida. Para instigar a produção das alunas e alunos, a turma realizou a leitura de alguns trechos de *Quarto de Despejo*, diário da autora

Carolina Maria de Jesus, e de contos do livro *Os da minha rua*, de Ondjaki. As duas leituras até então propostas já contemplavam a lei 10.639/03 e revelavam o compromisso da professora em romper com um currículo eurocêntrico. A professora Flávia desenvolveu com os estudantes, nas primeiras aulas do semestre, um trabalho sobre *Mãos Talentosas*, filme que narra a história do médico Benjamin Carson. Por meio de rodas de conversa e um roteiro de questões, temas como o sonho, memórias e relações raciais também foram tratados nas aulas de Sala de Leitura.

No primeiro dia na escola, realizei a observação dos espaços escolares, conversas informais com professores e funcionários, e participei das aulas de Sala de Leitura e Língua Portuguesa, em que me apresentei para a turma e contei um pouco sobre nossa proposta. Nesse dia, as atividades desenvolvidas foram mediadas pelas professoras, dando continuidade ao que havia sido proposto anteriormente. Aproveitei para observar a Sala de Leitura e o acervo literário existente na escola, sobre o qual conversei com as professoras. Devido a projetos recentes da Rede Municipal, como o *Leituraço*³, as salas de leitura contam com um acervo rico em obras africanas, afro-brasileiras e indígenas. Da semana seguinte em diante, os encontros partiram da leitura de um capítulo de *Leite do Peito*, alternando estratégias de sistematização e interpretação do texto, como a escrita de um parágrafo, ilustrações, colagens e rodas de conversa.

Os momentos de troca com outras/os pesquisadoras/es e professoras/es têm sido recompensadores. Sem dúvida, parte das coisas que fazem valer a pena. Um dos encontros mais marcantes até agora foi no COPENE - Congresso de Pesquisadores Negros, em outubro de 2018. Realizado em Uberlândia, o congresso promoveu um encontro nacional de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, das ciências exatas às artes, tendo a luta antirracista como eixo.

³ O programa *Leituraço*, iniciado em 2014, abrangeu 800 mil alunos em interação direta com a área de literatura. A proposta requeria que educadores lessem para suas turmas livros com a referência afro-brasileira. Embora por uma semana, a mobilização implicava em conhecer, analisar e escolher o acervo a ser apresentado. A atividade vinha acompanhada de um kit literário para o acervo da unidade

Poder conhecer pessoas que enfrentam desafios parecidos - ou muito maiores - que os meus, mas que seguem firmes e produzindo trabalhos incríveis inspira e fortalece. Lá, apresentei com dois grandes amigos uma reflexão sobre o ensino de Literatura afro-brasileira no Cursinho Popular Florestan Fernandes.



Oluwa-Seyi Salles, eu e Esdras Soares apresentando o trabalho *Desafios e estratégias de abordagens racializadas no ensino de literatura em Cursinhos Populares*, no COPENE 2018.

Particpei também do VII Seminário FESPSP - *Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança* -, junto com Esdras Soares, apresentando um estudo sobre a presença das Literaturas Africanas e Afro-brasileiras na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que acabou rendendo um artigo⁴, publicado nos anais do seminário.

Em 2019, consegui a transferência para uma escola na zona oeste, a 20 minutos de casa, reduzindo 1h10 de cada trecho do meu trajeto diário, se comparada à escola anterior. As dificuldades na escola, por outro lado, seguem

⁴ ROCHA, L.; SOARES, E. Literaturas Africanas e Afro-brasileiras na Base Nacional Comum Curricular. In: SEMINÁRIO FESPSP - *Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança*, n.8, 2018. *Anais...*, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://fespssp.wixsite.com/anais/gt3-18>

presentes. Fico me perguntando se um dia encontraremos caminhos para abolir as barreiras que fazem com que nossas alunas e alunos se afastem da escola...

Com muita frequência, tenho vontade de desistir. Ou da escola, ou do mestrado. Conciliar as rotinas de estudo e trabalho me dão a constante sensação de que não tenho realizado bem nenhuma das funções. Talvez essa sensação de que “poderia ser melhor” seja intrínseca à vida de professora... Não sei. Por outro lado, é gratificante poder ocupar esse duplo espaço, de *professora acadêmica* e *acadêmica professora*. É importante para a escola que sigamos propondo e refletindo sobre nossas práticas, para não nos deixarmos consumir pelos obstáculos do dia a dia. Na academia, precisamos estar presentes para voltarmos todo o tempo para o chão da sala de aula, para a realidade de professores e estudantes das escolas públicas, e não nos deixarmos iludir pela teoria.

Recebido em 29/07/2019

Aceito em 30/07/2019